

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CINE-ÓPERA
4 de setembro de 2025**

**FRÖKEN JULIE / 1951
(Vertigem)**

Um filme de Alf Sjoberg

Realização: Alf Sjoberg / Argumento: Alf Sjoberg, baseado na peça de August Strindberg / Direcção de Fotografia: Goran Strindberg / Direcção Artística: Bibi Lindstrom / Música: Dag Wiren / Som: Lars Lalin / Montagem: Lennart Wallen / Interpretação: Anita Bjork (menina Julie), Ulf Palme (Jean), Marta Dorff (Kristin), Lissi Alandh (Condessa Berta), Anders Henrikson (Conde Carl), Inga Gill (Viola), Ake Fridell (Robert), Knut-Olof Sundstrom (noivo de Julie), Max von Sydow (Hand), Margaretha Krook (governanta), Ake Claesson (o médico), Inger Norberg (Julie em criança), Jan Hagerman (Jean em criança), etc.

Produção: Sandrews / Produtor: Rune Waldekranz / Cópia: DCP, preto e branco, falada em sueco, com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 90 minutos / Estreia em Portugal: Tivoli, a 13 de Julho de 1953.

Não é um nome que ande na boca de todos os cinéfilos, o de Alf Sjoberg. Quem começar a enumerar realizadores nórdicos pensa numa mão-cheia de nomes antes de se lembrar do de Sjoberg. Mas a sua carreira de cineasta, decorrida entre 1929 e 1969 (Sjoberg viveu entre 1903 e 1980), teve mais do que uma coroa de glória, daquelas que não estiveram ao alcance de realizadores de quem a história guardou memória muito mais viva. As Palmas de Ouro de Cannes, por exemplo: Sjoberg ganhou duas, uma em 1946 com **Hets** (filme de argumento escrito por Bergman, que terá dado também uma mãozinha na realização) e outra cinco anos mais tarde, com o filme que vamos ver esta tarde. Ainda assim, Sjoberg foi sobretudo um homem do teatro, dramaturgo e encenador, nesta última qualidade notabilizando-se pelas suas abordagens dos clássicos da dramaturgia sueca (como Strindberg, justamente a matriz de **Froken Julie**), havendo também referência a encenações marcantes de autores tão distintos como Shakespeare ou Pirandello.

Independentemente das idiossincrasias autorísticas, existe de facto um ar de família, “transgeracional”, naquilo que melhor conhecemos do cinema dos países nórdicos – ou, não se querendo ser tão generalista, do cinema sueco (ainda não se disse, e talvez não fosse preciso, mas Sjoberg era sueco). Com **Himlaspelet**, outro filme de Sjoberg, aqui mostrado há não muitos dias neste mesmo Ciclo, e **Froken Julie**, encontramos um possível traço de união, uma espécie de charneira, entre a primeira grande geração do cinema sueco (a de Stiller e de Sjostrom) e alguém como Ingmar Bergman (e o facto de Bergman ser iniciado na realização sob os auspícios de Sjoberg serve de pequeno

reforço “simbólico” a esta ideia). Claro, existe um universo cultural comum (e o teatro, como herança ou como prática, não é absolutamente nada despiciendo) mas, como produto dele ou não, algumas outras coisas se parecem prolongar. Em **Himlaspelet**, por exemplo, a presença da natureza tanto reenvia para a estilização dos “épicos naturalistas” de Sjostrom como aponta (aqueles colinas filmadas em contra-picado, com o céu e as nuvens a dominarem o enquadramento) para a “nudez” da natureza (as dunas) no **Ordet** de Dreyer (que é dinamarquês, bem sabemos, mas não obstante). E aqui em **Froken Julie**, estes corrupcios amorosos estigmatizados por um sentimento de classe, esta sexualidade atormentada e propriamente mortífera, mais do que uma vez traz Bergman à memória. (Por via de Strindberg, dirão, mas há qualquer, por exemplo nas noites, por exemplo no movimento e circulação das personagens e respectivos corpos, onde defenderíamos que o que o encontro era mais directo, menos mediado – pensar nuns **Sorrisos de uma Noite de Verão** com a comédia atenuada).

Na altura em que **Froken Julie** se estreou, muitos comentadores se surpreenderam com a “dinâmica visual” aplicada por Sjoberg, “surpreendente”, diziam, por se tratar de um homem com formação teatral. Mas essa dinâmica, quando tem a ver com o movimento propriamente dito, travellings e afins, mas também com a presença dos actores dentro dos planos, ou sobretudo com a coexistência dos actores dentro dos planos (os planos de conjunto, a “menina Júlia” e os homens), ou ainda quando tem a ver com a agilidade e a velocidade da montagem (a introdução e a saída dos flash-backs, por exemplo); essa dinâmica, dizíamos, nunca releva de um artificio postiço comum em muito filme “envergonhado” da sua matriz teatral, interessado numa mera “agitação” que a esconde. É, pelo contrário, a prova maior da intuição e da intenção de Sjoberg: criar um mecanismo (“metafísico”, chamemos-lhe) que envolve e arrasta as suas personagens, um mecanismo que elas (em especial a manipuladora “menina Júlia”) talvez ponham em funcionamento mas de que cedo perdem o domínio. Talvez por isto o título português, sendo totalmente traidor à letra do original, nos pareça, no vasto contexto dos “títulos portugueses totalmente traidores à letra do original”, um caso raro de intuição – “vertigem”: eis a melhor descrição para o movimento gerado e trabalhado por **Froken Julie**, a partir daquela inacreditável e “pagã” cena inicial (aquela espécie de grande “falo” que os camponeses erguem, e o contracampo do rosto de Anita Bjork).

E por falar em Anita Bjork. O que Lo Duca, à época, escreveu a seu respeito nos Cahiers parece um exagero: “*Falconetti – et ‘la’ Falconetti seule – peut servir de repère*”. Mas o exagero, como sabemos, é uma maneira retórica de fazer justiça.

Luís Miguel Oliveira